

Marvin Harris (1927-2001)



Dennis Werner
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Universidade Federal de Santa Catarina

Considerado o antropólogo mais polêmico do século XX, Marvin Harris escreveu ou organizou 18 livros, que foram traduzidos para 15 idiomas. O seu estilo irreverente e briguento angariou-lhe milhões de fãs fora da antropologia, mas também muitos inimigos dentro da academia.

Embora tenha sido uma figura internacional, Harris teve uma relação muito especial com o Brasil. A sua tese de doutorado, defendida em 1953, teve como objeto uma comunidade na Bahia, e resultou no seu primeiro livro, *Town and Country in Brazil* (1956), um estudo de comunidade típico da antropologia da sua época. Foi com a publicação de *Patterns of Race in the Americas* (1964) que Harris, abordando uma questão brasileira, deu início a um estilo de argumentação que dominaria toda a sua obra. Neste livro, Harris contesta a idéia de “democracia racial” de Gilberto Freyre. O argumento de Harris baseia-se no princípio básico do seu “materialismo cultural” segundo o qual “a vida social humana é uma resposta aos problemas práticos da sua existência nesta terra”. Harris argumenta que as diferenças nos sistemas raciais do Brasil e dos Estados Unidos remontam aos inícios da revolução industrial, na Inglaterra. Para incentivar a indústria têxtil, os ingleses promulgaram leis que favoreciam a criação de ovelhas no campo. Uma vez que as ovelhas exigiam menos mão de obra do que a agricultura de subsistência, isto provocou um êxodo do campo para a cidade. O resultado foi o inchaço das cidades grandes, e o desemprego. Para solucionar estes problemas, o governo inglês incentivou a emigração de muitos ingleses pobres para as colônias americanas. Os emigrantes ricos se concentravam no sul, onde mantinham fazendas de algodão para fornecer material às fábricas inglesas. Os escravos faziam o trabalho mais

pesado. Para os trabalhos manuais que não podiam ser confiados aos escravos (como a captura de escravos fugidos), os fazendeiros empregavam brancos pobres. O resultado foi um sistema "racial" de apenas duas categorias: "brancos" e "negros". Bastava ter um antepassado "negro" para que uma pessoa fosse classificada de "negra". Na mesma época, Portugal ainda era um país agrícola. O contingente de portugueses pobres que vieram para o Brasil foi muito pequeno, e os fazendeiros não podiam usar brancos pobres para tarefas que não podiam ser entregues aos escravos. Criou-se então uma série de categorias "raciais" intermediárias – mulatos, mestiços, cafusos, etc. – para realizar estas tarefas. Daí a origem dos diferentes sistemas dos Estados Unidos e do Brasil.

Embora rejeitado pela maioria dos antropólogos brasileiros, Harris ainda teve os seus admiradores. Darcy Ribeiro citou Harris como um dos seus mentores intelectuais.

A publicação, também em 1964, de *The Nature of Cultural Things* marcou o início de outro interesse que tinha Harris – a epistemologia da antropologia. Este livro um tanto pedante não teve grande impacto na disciplina, mas a publicação em 1968 de *The Rise of Anthropological Theory* causou uma celeuma. Neste livro, uma das primeiras histórias da antropologia, Harris atacou todo mundo, não só pelas suas teorias ou metodologias, mas também pelas suas supostas posturas políticas e morais. Apenas a orientação do seu mentor, Julian Steward, escapou das suas invectivas. O tom do livro pode ser resumido numa frase da introdução que ficou famosa: "I am convinced that the coming generation of social scientists is prepared to say to party hacks and bourgeois toadies, 'a plague on both your houses', and to get on with the business of seeking truth, wherever the search may lead." ("Estou convencido de que a geração emergente na antropologia está disposta a dizer tanto para os lacaios do Partido [Comunista] quanto para os aduladores da burguesia: 'amaldiçoadas sejam as suas casas', e a dedicar-se à tarefa de buscar a verdade, não importando aonde esta busca a leve". Posteriormente, num tom menos indignado, Harris apresentou novamente, em *Cultural Materialism* e em *The Struggle for a Science of Culture* (1979), as suas idéias a respeito da teoria antropológica. Nestes livros, Harris critica uma antropologia que se baseia principalmente na compreensão ou interpretação do "significado", e propõe uma outra antropologia, baseada na explicação das diferenças culturais. Harris sempre admirou pesquisas mais sistemáticas/estatísticas para testar idéias a respeito da variação cul-

tural, e dedicou muita atenção a estas pesquisas no seu texto introdutório *Culture, People, Nature*, que passou por numerosas edições. Nisto ele seguiu a ênfase de Julian Steward na evolução convergente e paralela para avaliar teorias. Mas nas suas próprias pesquisas, Harris pouco usou estas técnicas, preferindo concentrar-se em dados históricos descritivos. Nunca chegou a realizar uma pesquisa “holocultural”, na qual se usa sociedades como unidades em tabelas estatísticas, ao estilo de Murdock.

Harris será lembrado principalmente pelos seus argumentos práticos a respeito dos “enigmas” da cultura (*Cows, Pigs, Wars and Witches* (1974), *Cannibals and Kings: the Origins of Culture* (1977), *Good to Eat: Riddles of Food and Culture* (1985), *Food and Evolution: Towards a Theory of Human Food Habits* (1989)). Trata-se de costumes citados por antropólogos e outros como exemplos da “irracionalidade” do ser humano. 1) Por que os indianos mantêm um tabu de comer vacas? Porque o tabu os ajuda a resistir à tentação de matar as suas vacas em épocas de extrema escassez. As vacas custam pouco e são necessárias para produzir leite, couro e estrume, usado como fertilizante, como reboco para as casas e como combustível para cozinhar. Os bois produzidos pelas vacas são necessários para puxar arados. 2) Por que os judeus e árabes proíbem o consumo de porco, enquanto outras culturas adoram esta carne? Porque o deserto onde moravam era impróprio para a criação de porcos. Ruminantes como camelos e cabras aproveitam bem o capim que o ser humano não pode digerir; porcos, não. As poucas terras agricultáveis são mais bem-aproveitadas com produtos que o ser humano pode comer diretamente. Porcos são vantajosos em locais com outro tipo de clima. Nas florestas da Nova Guiné, da Europa medieval ou dos Estados Unidos do início do século XIX, os porcos viviam do lixo produzido pelos agricultores e dos tubérculos que eles mesmos encontravam na floresta. O gado tornou-se importante quando as florestas foram derrubadas ou as planícies naturais começaram a ser exploradas. 3) Por que os índios do noroeste estadunidense davam ou destruíam em grandes festas as comidas e os bens que tinham produzido com tanto esforço? Porque produziam mais do que podiam consumir. Trata-se de um sistema de “seguros” regionais. Os índios dependiam dos peixes que todos os anos subiam os seus rios para desovar. Se num dado ano os peixes não subissem, os índios podiam sobreviver do excedente de produção fornecido pelos seus vizinhos mais afortunados. Teriam de se submeter a humilhações por parte dos vizinhos, mas pelo menos sobreviveriam.

Politicamente, Harris se considerava um “marxista,” até descobrir que os “marxistas” o denunciavam como “materialista vulgar” ou “malthusiano”. Com *Portugal’s African Wards* (1958), Harris aproveitou a sua pesquisa em Moçambique para condenar a colonização portuguesa e a ditadura de Salazar. Devido ao seu apoio aos protestos estudantis dos anos 60, o vice-reitor da Universidade de Columbia o acusou de “loucura autoritária”. Mas com o tempo, Harris ficou mais céptico quanto aos movimentos políticos. No seu livro *America Now: The Anthropology of a Changing Culture*, ou em *Why Nothing Works: The Anthropology of Daily Life* (1981), ele ofendeu muitas feministas e liberacionistas gays ao argumentar que as mudanças dos papéis de mulheres e gays nos Estados Unidos pouco tinham a ver com as atividades destes ativistas. A liberação das mulheres e dos gays foi decorrência de mudanças na economia geral – principalmente o aumento de empregos no terceiro setor, a diminuição do padrão de vida geral e o aumento do custo de criar filhos. Quando perguntado sobre o que se devia fazer diante de um determinismo material tão forte, Harris costumava responder que não se devia desistir da política. Mas insistia em que os ativistas políticos tinham de identificar melhor as causas materiais que estavam por trás dos fenômenos, e dirigir a sua política a estas causas básicas.

Um incidente serve para resumir o espírito e a garra de Marvin Harris. Lévi-Strauss foi convidado, certa vez, a proferir uma palestra na Universidade de Columbia. Marvin Harris já tinha taxado Lévi-Strauss de “imperador sem roupa”, e temia um confronto direto com o fundador do estruturalismo. Harris reconheceu que as suas maneiras rudes de menino inculto do Brooklyn pouca credibilidade lhe trariam face à elegante sofisticação francesa. Resolveu então não assistir à palestra. Mas assegurou-se de que esta seria gravada. Lévi-Strauss analisou um mito dos índios do noroeste americano; propôs como problema central entender por que uma simples amêijoia assustaria uma temível bruxa, aventando que assim resolveria a história. Através de muitas transformações, inversões de sentido e derivações de significados ocultos, Lévi-Strauss julgou que tinha resolvido a questão, e foi bem recebido pela platéia. Pouco depois, Marvin Harris foi atrás de uma explicação prática para o “problema” que o mito colocava. Importunou colegas que moravam na região do mito, e consultou biólogos especializados em amêijoas. Encontrou o que buscava. Resumindo, existe nessa região uma amêijoia com uma grande lingueta, altamente venenosa, que não existe em nenhum outro lado

e que é capaz de assustar qualquer um. Não havia necessidade de uma análise estrutural para concluir isto. Harris mandou a sua resposta para a revista *L'Homme*, na época controlada por Lévi-Strauss, onde foi devidamente publicada ("Lévi-Strauss et la palourde", *L'Homme* 16: 5-22, 1976). Na sua resposta Lévi-Strauss agradeceu gentilmente a descoberta de Marvin Harris, e fez outra análise estrutural, agora sobre o "novo problema" colocado por Harris.

Marvin Harris foi um dos mais importantes antropólogos do século XX. Sentiremos muita falta da sua criatividade, diligência, entusiasmo e capacidade de provocação.